

A abantesma e a mulher

→ **Classificação:** Lendas e Mitos

→ **Assunto:** Relato de encontro de uma mulher com uma abantesma (fantasma).

→ **Região:**

- **Distrito:** Porto
- **Concelho:** Póvoa de Varzim
- **Localidade:** Póvoa de Varzim
-

→ **Entrevistado:**

- **Nome:** Ti Desterra
- **Data de nascimento:**
- **Residência:** Póvoa de Varzim

→ **Vídeo:**

- **Entrevista:** José Barbieri
- **Data de Recolha:** 2007
- **Filmagem:** José Barbieri
- **Duração:** 0:03:22

→ **Transcrição:**

- **Transcritor:** Ana Sofia Paiva
- **Data de Transcrição:** Dezembro 2011
- **Palavras:** 538

A abantesma¹ e a mulher

[...] contava-se que aparecia nas casas, que aparecia isto, que aparecia aquilo... Contava-se muitas histórias. Nós morávamos numa ilha... Hoje já não existe esta ilha, ali à beira do Quintes, na Patrão Sérgio. Ali era uma ilha como eu contei: era um coiso de casas... E ali, havia... Contava-se umas histórias, não é? Contava-se muitas histórias naqueles quintais. Que aparecia isto, que aparecia aquilo... Como contei: que à noite já ninguém ia ao quintal. Os quintais eram todos cheios. Faça de conta que era doze caseiros com doze quintais, que eram separados por carreiros. O senhor sabia que esta horta e esta que era sua, aquela sabia que aquela e aquela horta que era dela, o senhor sabia que aqui é que era para botar a secar a roupa, aqui era a cora do seu, para você botar a roupa a corar (antigamente era tudo corado, não é?)... E contava-se muitas histórias nessa ilha. Histórias...

Assim, ela contava que aparecia uma abantesma – como já contei, que era como fosse um padre, vestido de padre, com botõezinhos (eles ao menos sabiam tudo, que havia pessoas muito curiosas e havia homens que não tinham medo, que defuntavam e que não tinham medo!) E então que vinha da parte da última casa. Porque isto era assim: eram aqui na rua do Patrão Sérgio, do mesmo senhorio, tinha duas, quatro, seis casas, está a ver? Isto depois fazia assim e ia para dentro da ilha e tinha aqui doze casas. Os quintais daqui vinham até aqui e os quintais daqui iam para ali. Mas era tudo os mesmos quintais. Desta parte das ruas, das casas que vinham da rua, havia um poço; e das casas de cima, havia outro poço no meio dos quintais. Ninguém morreu afogado, que aquilo era tudo só... andava tudo ao Deus-dará.

¹ Fantasma, espectro.

E como ia dizer então: aquela mulher, um dia, prontos, veio trabalhar – que ela andava na aldeia, vinha vender peixe por essas aldeias fora. Ela veio de noite e precisou de ir ao quintal. E foi ao quintal. Naquele tempo não havia casas de banho dentro de casa, como o senhor sabe – e, se não sabe, fica a saber, não é? Se não sabe... E a mulher olhou, viu aquela abantesma. Diz ela:

- Aquela abantesma...

E eu, que já tinha para aí os meus sete anos... Ela chamava-se Cecília. Mas nós não sabíamos chamar Cecília e chamávamos *Cezila*.

- Tia *Cezila*... E como era a abantesma?

Ela, a mulherzinha, explicava:

- Ai... Era muito alto... Quanto mais olhávamos para ela, mais ela crescia!... E vinha vindo, vinha vindo, vinha vindo devagarinho até chegar à nossa beira. Mas eu, assim que vi, eu queria correr! O vento era tanto, que não me deixava correr, mas eu – toca a correr para dentro de casa! Fiquei à porta e ainda estive a espreitar pelo ferrolho. A chave era daquelas chaves muito grandes. Pelo ferrolho... Mas eu tinha medo e então vim para dentro. Acendi o candeeiro, dei *registo* ao candeeiro... -que ela já tinha candeeiro.

Eu ainda me lembro de muitas casas ter graxa assim numa concha grande e com coisa de roupa a fazer aqueles pavios. Ainda me lembro disso...